

CONTINUANDO A TROCA DE IDÉIAS¹

José Maria de Paiva

O *sentido de unidade* merece consideração. A comunicação entre as pessoas só é possível na medida em que a coisa comunicada se filtra pela vivência. O viver, com efeito, é processo, não aceitando nada fixo. Tudo que comunicamos, o fazemos a partir da experiência do que somos, retratando, pois, o seu alcance, a sua figura, o seu significado. A recepção se dá nos mesmos moldes, cada um recebendo o comunicado segundo sua experiência. Tudo o mais é jogo de expressão, é recurso instrumental de que dispomos e usamos; não tem validade “objetiva”, que é o que o saber científico nos propôs. Assim, propondo traços culturais, com certa estabilidade e duração, o historiador não quer fazer entender que toda a realidade se descreva daquela forma; aliás, nenhuma realidade se descreve *ipsis litteris*. Que recurso, então, é este que propõe o acesso e, fazendo-o, nega-o? A solução deste enigma me parece estar no exame do fundamento *subjetivo* do viver humano. A “construção” da identidade de cada um é feita através dos contatos com outras pessoas. Pelo contato, o outro entra em nós não enquanto ente, mas levando a uma modificação do que dizemos *nostra experiência*. A cada passo da vida, podemos dizer “eu vejo a realidade assim”; e, a cada vez nós a vemos diferente. Isto não porque o *ente* tenha mudado mas porque a única forma de viver é a experiência. Assumindo este ponto de vista, desaparece o mundo “objetivo” e, ainda que as formas insistam na sua validade, impõe-se uma nova exegese social, mostrando a realidade social como desenho final do compartilhamento das experiências, sempre *subjetivas*. Esse desenho é, pois, indicativo: comporta os indícios que permitem descobrir as mais variadas vivências e interpretações. Esse desenho não é resultado final.

Quando, pois, em História se propõem traços de uma cultura, deve-se entender nestes termos. O *sentido de unidade* não faz com que mais de uma pessoa vivencie uma experiência. O *sentido de unidade* insiste na ênfase que a descrição dá a aspectos, pela impossibilidade de traduzir a vida. Exemplificando, o caráter *sagrado* da cultura portuguesa quinhentista/seiscentista, ainda que tipificado como uma coisa, comporta, na verdade, mil possibilidades de vivências. Deus é entendido

¹ Artigo recebido em 21/08/2006. Autor convidado.

por cada um de uma forma própria. O *sagrado*, pois, da cultura portuguesa é, também ele, entendido por cada um de uma forma própria. Há que se buscar no *sagrado* algo significado por todos enquanto tendência de interpretação, mas há que se evitar a radicalidade na sua definição. Assim devemos ler todo o comportamento social, comportando os mais diversos interesses e as mais diversas especializações. Há que se entender, sim, que os jesuítas tinham um propósito de *doutrinação* e de reforma dos costumes; mas cada jesuíta era uma pessoa que *experimentava* o enunciado segundo toda a sua *experiência* anterior. Postos ao lado do que chamamos Estado, veremos que a unidade se dissolve, permitindo as mais originais interpretações. Assim, rei, padres, mercadores, senhores de engenho, lavradores, oficiais mecânicos, povo miúdo, todos parecem compartilhar o enfoque *sagrado* na interpretação da realidade, o que não retira a nenhum deles o modo próprio e individual de experimentar. Por isto, a expressão tem que ser repensada, ajustada aos seus termos e, de maneira alguma, absolutizada. A *comunhão* entre Igreja e Estado pode ser uma categoria de útil compreensão, desde que aceitos os pressupostos da vivência.

Este esquema de interpretação devia ser tomado como princípio de conhecimento, fazendo-se valer em todos os lugares da vida social. Quero fazer referência a um deles, a escola, privilegiada pela Companhia de Jesus e querida pela Coroa como expressão e instrumento de manutenção da sua *cultura*. As *letras* tinham, a essa época, uma tradição multissecular, informadas pelo caráter *sagrado* (teológico, religioso). Elas atendiam à única interpretação socialmente vigente, que era a cultivada pelo cristianismo, por mais de mil anos. A escola se viu posta pela necessidade de adequar os jovens às exigências do mercado. A racionalidade mercantil, amadurecida já por mais de quinhentos anos, exigia um preparo e um planejamento das atividades profissionais. O primeiro passo seria dado, evidentemente, nas pistas da tradição; mas com o tempo, a escola abrangeria os novos conhecimentos tecnológicos e científicos. Institucionalmente conservadora, ela só assimila os conhecimentos novos depois de sua consolidação social. A escola jesuítica era *letrada*, o que não significa que não houvesse jesuítas participando efetivamente da produção dos novos conhecimentos. A racionalidade que deu margem ao ensino escolar, no século XVI, organizou o que se tinha como conhecimento válido. Seu programa, porém, só se reestruturará quando ciência e tecnologia tiverem se imposto como vivências sociais. Serão os momentos de *reforma*. O

movimento *iluminista* deflagra uma primeira mudança. O século XX conhecerá outras mudanças.

Queria assinalar, por fim, a predominância de certos enfoques na interpretação da realidade social. Eles pendem, com certeza, da *experiência* vivida e compartilhada. A ênfase econômica, que o marxismo propôs e que, entre nós, teve vigência explícita até os anos 80, teve sua razão de ser na luta pela igualdade, relegada pela empresa industrial. Os enfoques têm que ser justificados pelo conhecimento da realidade vivida socialmente. Nenhuma interpretação é válida pelos termos empregados, pelas categorias de análise, etc. Vale na medida em que atende às necessidades das pessoas que vivem na sociedade. O historiador se depara, pois, com dificuldades práticas ao desempenhar seu ofício. Em meio à variedade de experiências sociais, proporá uma interpretação atendendo a aspectos reais, que por certo não satisfarão a todos. O princípio valorativo das interpretações reside na ressonância que fazem das experiências vividas, por isto duram relativamente pouco. Por outro lado, o historiador aprende a não absolutizar uma teoria, mas a relativizá-las todas, em função do significado social que explicitam. A sucessão de interpretações, longe de aproximar da verdade, desvenda a diversidade de vivências, buscando os próprios significados.

